

## EVOLUÇÃO DA COCITAÇÃO – ESTRUTURA INTELECTUAL DA PESQUISA EM ESTRATÉGIA: UMA EXTENSÃO DO TRABALHO DE RAMOS-RODRIGUEZ E RUIZ-NAVARRO (2004)

 Simone Cesar Silva Vicente<sup>1</sup>,  Diego Nogueira Rafael<sup>2</sup>,  Nairana Radtke Caneppele Bussler<sup>3</sup>,  José Joaquim Filho<sup>4</sup>,  Rodrigo Lopes Nabarro<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Nove de Julho (UNINOVE). [simonecsvicente@gmail.com](mailto:simonecsvicente@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Nove de Julho (UNINOVE). [diego\\_dnr@hotmail.com](mailto:diego_dnr@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Nove de Julho (UNINOVE). [nacaneppele@hotmail.com](mailto:nacaneppele@hotmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Nove de Julho (UNINOVE). [jose.joaquim@hotmail.com](mailto:jose.joaquim@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Nove de Julho (UNINOVE). [nabarreto2016@gmail.com](mailto:nabarreto2016@gmail.com)

### Resumo

**Objetivo do estudo:** Este estudo tem como objetivo analisar a evolução da disciplina Estratégia, no periódico acadêmico *Strategic Management Journal*, no período de 2007-2018, ou seja, um período de 12 anos de publicações no campo.

**Metodologia/abordagem:** Por meio de um estudo bibliométrico de cocitação, analisamos dois períodos: entre 2007 e 2012 e entre 2013 e 2018. Utilizamos como proxy o “*Strategic Management Journal*”, na base de dados *Web of Science*, esta pesquisa gerou uma amostra de 1100 artigos. A amostra foi analisada no Bibexcel e submetida à análise fatorial no SPSS para identificação dos fatores. Para apresentação das redes, utilizou-se o software Ucinet.

**Originalidade/Relevância:** Os estudos sobre estratégia são foco de pesquisadores que desejam identificar como o campo teórico se comporta. Identificar como a estrutura intelectual da pesquisa em estratégia é relevante frente às novas publicações, e com maior preocupação após a obra de Ramos-Rodrigues e Ruiz-Navarro (2004). A multidisciplinaridade da matéria foi encontrada em estudos anteriores, com evidências da disciplina em novos campos de estudo, como nas teorias comportamentais em estratégia (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016; Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016). Frente a este cenário, buscou-se efetuar uma nova pesquisa, em períodos diferentes e sucessores, que permitissem validar ou evidenciar novas reflexões e perspectivas da estratégia em novos campos de estudos. De fato, confirmamos, com os resultados encontrados, a emergência de teorias comportamentais.

**Principais resultados:** Identificaram-se quatro fatores, no período entre 2007 e 2012, com 36 artigos, e dois fatores no período entre 2013 e 2018, com 30 artigos. Os resultados permitiram observar que Resource-based Theory (RBT) ainda é uma das teorias mais evidenciadas, no primeiro período, fato confirmado por estudos anteriores. No segundo período, ocorreu o movimento mais evidente em teorias comportamentais, com obras no campo da aprendizagem, conhecimento e inovação (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016; Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016).

**Contribuições teóricas/metodológicas:** Este estudo permite a pesquisadores analisarem metodologicamente como um estudo bibliométrico de cocitação pode ser feito. Inclui-se, nesse processo, como se analisar fatores e efetuar comparações em dois períodos de publicações. Para a teoria, os resultados mostram o desenvolvimento do campo teórico da disciplina Estratégia, com evoluções desde a obra de Ramos-Rodrigues e Ruiz-Navarro (2004). Esta é uma contribuição que expande a multidisciplinaridade da disciplina e novas relações existentes. Confirmamos as evidências de estudos bibliométricos anteriores que relataram o crescimento de teorias comportamentais em estratégia, como aprendizagem, conhecimento e inovação (Serra, Ferreira, Almeida & Van, 2012; Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016).

**Contribuições sociais/para a gestão:** O surgimento de novos estudos em estratégia comportamental é a contribuição mais relevante. Os gestores podem tomar decisões em seus negócios observando mais a linha comportamental. A tomada de decisão poderá ocorrer em questões mais amplas e organizacionais, ou em pontos estratégicos que envolvam análises comportamentais, em recursos estratégicos específicos (Ocasio, 1997)

**Palavras-chave:** Estratégia. *Strategic Management Journal*. Bibliométrico.

### EVOLUTION OF CO-CITATION - INTELLECTUAL STRUCTURE IN STRATEGY RESEARCH: AN EXTENSION OF THE WORK BY RAMOS-RODRIGUEZ AND RUIZ-NAVARRO (2004)

#### Abstract

**Objective of the study:** In this study we aim to analyze the evolution of the discipline Strategy published on the scholarly periodical *Strategic Management Journal* in the period from 2007 to 2018, covering a period of 12 years of publications in the field.

**Methodology / approach:** Through a bibliometric co-citation study, we analyzed two periods, from 2007 to 2012 and from 2013 to 2018. As a proxy, we used “*Strategic Management Journal*” in the Web of Science database. This research generated a sample of 1100 articles. The sample was analyzed with the software Bibexcel and submitted to factor analysis in SPSS software to identify the factors. To present the networks, we used the software Ucinet.

**Originality / Relevance:** Strategy studies are the focus of researchers who aim to identify how the theoretical field behaves. Identify the intellectual structure of research in strategy is relevant to new publications, and with greater concern afterwards the work by Ramos-Rodrigues and Ruiz-Navarro (2004). The multidisciplinary of Strategy was cited in previous studies, with evidence of the discipline in new fields of studies, such as in behavioral theories in strategy (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016 and Ferreira; Fernandes & Ratten, 2016). Thus, we sought to carry out a new research, in different and successive periods, which allow a validation of new reflections and perspectives regarding strategy in new fields of studies. In fact, we confirmed, with the results, the emergence of behavioral theories.

**Main results:** We identified four factors in the publishing from 2007 to 2012 period, with 36 articles, and two factors in the period from 2013 to 2018, with 30 articles. The results allowed us to observe that Resource-based Theory (RBT) is still one of the most explored theories, in the first period, which is confirmed by previous studies. Regarding the second period, we verified the most evident movement in behavioral theories, with works in the fields of learning, knowledge and innovation (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016; Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016).

**Theoretical / methodological contributions:** This study allows researchers to methodologically analyze the steps of a bibliometric co-citation study, including in this process the ways to analyze factors and make comparisons in two different publication periods. Supporting the theory, the results show the development of the theoretical field of Strategy and its evolution since the work by Ramos-Rodrigues and Ruiz-Navarro (2004). This is a contribution that expands the multidisciplinary of the discipline and new existing relationships. We confirm the evidence from previous bibliometric studies that reported the growth of behavioral theories in strategy, such as learning, knowledge and innovation (Serra, Ferreira & Almeida, 2015; Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016).

**Social / management contributions:** The emergence of new studies in behavioral strategy is the most relevant contribution. Managers can make better business decisions by looking more closely at the behavioral line theory. Decision-making may consider broader and organizational issues, or strategic points that involve behavioral analysis, on specific strategic resources.

**Keywords:** Strategy. *Strategic Management Journal*. Bibliometric study.

### Como citar

American Psychological Association (APA)

Vicente, S. C. S., Rafael, D. N., Bussler, N. R. C., Joaquim, J. Filho., & Nabarro, R. L. (2020). Evolução da cocitação – estrutura intelectual da pesquisa em estratégia: uma extensão do trabalho de Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004). *Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)*, 19(1), 33-63. <https://doi.org/10.5585/ijsm.v19i1.16533>.

(ABNT – NBR 6023:2018)

VICENTE, S. C. S.; RAFAEL, D. N.; BUSSLER, N. R. C.; JOAQUIM FILHO, J.; NABARRETO, R. L. Evolução da cocitação – estrutura intelectual da pesquisa em estratégia: uma extensão do trabalho de Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004). *Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)*, v. 19, n. 1, p. 33-63, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/ijsm.v19i1.16533>.

## 1 Introdução

As pesquisas na área de estratégia são comumente abordadas em alinhamento com várias teorias. É comum nos depararmos com a estratégia focada em teorias baseadas em recursos, ou *Resource-Based Theory-RBT* (Peteraf, 1993; Wernerfelt, 1984; Barney, 1991), teorias organizacionais (Porter, 1980) e comportamentais (Levitt & March, 1988; Kogout & Zander, 1992), entre outras não menos importantes. Este cenário mostra como é a multidisciplinaridade da disciplina estratégia. Neste contexto, precisamos nos preocupar em verificar como estão sendo conduzidos os estudos sobre a disciplina Estratégia, a evolução, os temas abordados, as teorias contempladas e as que emergem no campo. Obras anteriores se preocuparam em identificar as tendências teóricas na disciplina Estratégia, inicialmente com Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) e, mais recentemente, com obras de Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra e Kniess (2016) e Ferreira, Fernandes e Ratten (2016). Estes últimos estudos bibliométricos evidenciaram que pesquisas em estratégias têm predominância de teorias baseadas em recursos, sendo que surgiam novos estudos no campo teórico de comportamento estratégico. Portanto, este estudo procurou identificar este comportamento teórico, realizando a análise das pesquisas em períodos diferentes, de 2007 até 2012 e de 2013 até 2018, comparando os fatores e confirmando a tendência teórica e novos campos teóricos na área. A perspectiva foi encontrarmos situações diferentes em cada período e analisá-las, como Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) fizeram. Os resultados contribuíram para pesquisas futuras frente às teorias emergentes em estratégia, relações teóricas e evidenciam que as novas pesquisas têm debruçado sobre o conhecimento, a aprendizagem organizacional e a inovação (Serra, Ferreira, Almeida & Vanz, 2012; Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016), comumente abordadas como teorias comportamentais.

Metodologicamente, usamos o estudo bibliométrico para investigar o estado da arte em pesquisas sobre estratégia. O referencial forma os artigos publicados no periódico acadêmico *Strategic Management Journal – SMJ*, buscado na base de dados *Web of Science*. Para investigar a evolução, efetuamos a análise em dois períodos: entre 2007 e 2012 e de 2013 até 2018. O periódico acadêmico SMJ é um dos periódicos de referência em publicações dentro da área de estratégia (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016; Ramos-Rodriguez & Ruiz-Navarro, 2004), sendo seu fator de impacto 5.482 em 2018. Dessa maneira, o periódico pode representar o campo de estratégia como *proxy*. Para tratar os dados, usamos o *software* Bibexcel, que permitiu considerar todos os elementos dos artigos que se fazem necessários para as análises que propomos. Já em outra vertente, para a análise fatorial, utilizamos o *software* SPSS, que nos permitiu construir *clusters* sobre o tema e frequências dos autores coletados e citados. Para expormos as relações existentes de citação e cocitação, por meio de redes, utilizamos o *software* Ucinet. A amostra foi composta por 1100 artigos, os quais fundamentam a base de dados da nossa pesquisa.

Os resultados permitiram observar que as Teorias Baseadas em Recursos ainda são predominantes no período entre 2007 e 2012, seguidas por Alianças Estratégicas e Diversificação. No

segundo período, constatamos um movimento em direção às teorias comportamentais, predominantes obras que abordam aprendizagem, conhecimento e inovação. Há uma confirmação quanto à evolução das teorias comportamentais na estratégia, evidenciada nos resultados, que permitiram construir uma agenda de pesquisa futura. Esta foi, em particular, a maior contribuição deste estudo: a evolução da disciplina Estratégia pós estudo de Ramos-Rodriguez e Ruiz- Navarro (2004) e a corroboração das obras que sinalizaram a tendências das teorias comportamentais em estratégia (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016; Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016).

## 2 Procedimentos metodológicos

### 2.1 Método

Utilizamos a bibliometria como técnica para efetuarmos as análises sobre as publicações de artigos na disciplina Estratégia. Este método é reconhecido entre as pesquisas acadêmicas desde Pritchard (1969) como a forma de quantificar a comunicação escrita. Seu valor tem destaque, pois descreve, explica, prevê e avalia a comunicação dos estudiosos (Borgmam & Furner, 2002). Este tipo de método pode contribuir para identificar o impacto de uma obra (Ferreira, 2011), um periódico (Garfield, 2006), uma teoria (Vogel & Guttel, 2000; Martins et al., 2010), entre outras áreas de interesses dos pesquisadores. No campo da estratégia, a obra reconhecida de Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) foi precursora nos estudos sobre a disciplina. Os passos desta pesquisa estão sintetizados na Figura 1.

**Figura 1** - Passos da pesquisa



**Fonte:** Elaborada pelos autores (2019).

## 2.2 Coleta de dados

Os dados coletados são de fonte secundária, usualmente utilizados em uma pesquisa bibliométrica. A base de dados escolhida foi a *ISI Web of Science*, uma plataforma referencial de citações científicas projetada para apoiar pesquisas científicas e acadêmicas, que inclui mais de 20.000 revistas acadêmicas de alta qualidade, revisadas por pares e publicadas em todo o mundo, além de mais de 190.000 processos de conferências.

Para este estudo, escolhemos o periódico internacional *Strategic Management Journal* (SMJ). O SMJ foi fundado em 1980, como periódico líder na área de estratégia (Azar & Brock, 2008) e um dos mais influentes na área de administração (Ramos-Rodriguez & Ruiz-Navarro (2004). O fator de impacto deste periódico na área de estratégia é relevante, tendo sido, em 2018, de 5.482.

A coleta de dados foi efetuada em dois períodos, sendo entre 2007 e 2012 e de 2013 até 2018. Esta proposta teve como objetivo verificar como se comportava o campo teórico em dois períodos, separadamente e sequencialmente, a fim de propor uma análise comparativa na discussão em um período de 12 anos de publicação.

## 2.3 Amostra da pesquisa

A seleção da amostra foi realizada por meio da palavra-chave descrita na base *ISI Web of Science*, sendo "*strategic management journal*", no campo nome da publicação. Delimitamos a coleta em dois períodos, de 2007 até 2012 e de 2013 até 2018. Em ambos os períodos, filtramos somente as categorias *Business* e *Management* e tipo de documento "artigos". Este parâmetro resultou em 376 artigos do primeiro período e 724 artigos do segundo período. Portanto, somando-se todos os artigos, nossa amostra foi de 1.100 artigos em um período de 12 anos.

## 2.4 Procedimentos de análise

Inicialmente, efetuamos a análise de citações, envolvendo todos os artigos extraídos da base de dados *Web of Science*. As citações dos autores reforçam as ligações entre os temas, a conexão que existe entre uma pesquisa e outra (Vogel & Guttel, 2013). Pesquisadores reforçam suas pesquisas, trazendo, no referencial, as obras que pesquisaram sobre o mesmo assunto. *A priori*, esta conexão legitima o trabalho do pesquisador, reforçando a importância e a relevância do que ele ou ela tem tratado. Essas conexões podem servir para se fazer uma crítica, um contraste ou fortalecer um argumento para relações existentes (Diodato, 1994, Garfield, 2002). Em estratégia, podemos reconhecer como estão se posicionando os autores, se desde a obra de Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) ocorreram relativas mudanças quanto às citações, sejam em obras ou em autores mais citados.

Posteriormente, empregamos técnicas de bibliometria, especificamente análise de cocitação. A cocitação permite medir a frequência em que um par de artigos é citado em conjunto, além de identificar mudanças paradigmáticas e escola de pensamentos (McCain, 1990, Zupic & Cater, 2015). A pesquisa inicial na base de dados *Web of Science* gerou 1100 artigos, sendo 376 artigos do primeiro período

(2007-2012) e 724 artigos do segundo período (2013-2018). Para a elaboração das análises de cocitação, foi estruturada uma matriz quadrada de ocorrência de cocitação das referências da amostra. As matrizes quadradas de cada período com os artigos citados foram inseridas e elaboradas com o uso do *software* Bibexcel. As cocitações representam dois documentos que são referência em comum em outros artigos (Garfield, 2002). A matriz foi composta pelas referências que contêm o mínimo de cinco citações, seguindo os critérios estabelecidos por Quevedo-Silva et al. (2016). Sendo assim, a matriz quadrada do período de 2007 até 2012 foi composta por um total de 48 artigos (12,77% dos artigos). Já a matriz quadrada do período de 2013 até 2018 foi composta pelo total de 46 artigos (6,36% dos artigos). Este corte não foi arbitrário, pois, segundo a lei do quadrado inverso de Lotka (1926), cerca de 5% dos documentos são representativos em um campo teórico (Nath & Jackson, 1991).

A análise fatorial exploratória (AFE), elaborado no *software* SPSS, permitiu-nos encontrar os artigos de assuntos correlacionados. Por meio de métodos estatísticos, são verificadas as inter-relações entre eles, permitindo a observação dos temas, teorias que se aproximam e que são evidenciadas naquele grupo de artigos (De Oliveira Maciel et al., 2008). Portanto, a análise permitiu reduzir um grande número de fatores em um número menor, obtendo-se, assim, uma análise mais ponderada sobre a área estratégia (Hair et al., 2009). Como critério de seleção do número de componentes a serem retidos para a AFE, empregamos o método do “cotovelo”, que representa a quebra brusca da variância explicada ou correlação (Cattell, 1966) e também o critério de *eigenvalues*, mantendo-se fatores com valores  $\geq 1$ , de Kaiser (1960). Ambos os métodos convergiram para um número ideal de quatro componentes a serem extraídos do período de 2007 até 2012, e dois componentes para o período de 2013 até 2018. Os quatro componentes identificados na análise fatorial da cocitação do período de 2007 até 2012 explicam 68,79% da variância total da matriz de cocitação. Já para o período de 2013 até 2018, os dois componentes identificados na mesma análise explicam 60,76% da variância total da matriz de cocitação.

Empregamos, na análise, uma rotação ortogonal, pois a possibilidade de correlação entre os componentes que as rotações oblíquas permitem não é importante na investigação. Dentre as rotações ortogonais, escolhemos a Varimax com normalização Kaiser, porque maximiza a soma das variâncias das cargas, permitindo uma melhor análise da relação entre os componentes e os documentos que os compõem. Utilizamos como parâmetro para análise e exclusão de fatores a obra de Serra, Ferreira, Guerrazzi e Scaciotta (2018). O critério de cargas para justificar a presença de certos documentos em um componente foi de que o componente deveria ter carga absoluta maior ou igual à 0,4. No período de 2007 até 2012, dos 48 artigos, 12 artigos não obtiveram cargas mínimas de 0,4 em nenhum dos quatro fatores, por isso foram desconsiderados e a amostra final para este período, para análise dos resultados, foi de 36 artigos. O mesmo critério foi seguido para o período de 2013 até 2018 e, neste caso, dos 46 artigos, 16 artigos foram desconsiderados, gerando uma amostra final de 30 artigos.



### 3 Resultados

Apresentamos, nesta seção, os resultados obtidos a partir das análises feitas nos dois períodos analisados, referenciando as citações e a cocitação das obras publicadas na revista *Strategic Management Journal*.

#### 3.1 Análise de citações

Foram identificadas 376 obras no período de 2007 a 2012, e 724 obras no período de 2013 a 2018. Ambos os períodos abordaram seis anos, totalizando uma análise de 12 anos de publicações em estratégia. Para expressarmos melhor o foco desta pesquisa, eliminamos da base os artigos relacionados a metodologias (estes estudos não representam um campo teórico específico). Portanto, abordamos somente artigos relacionados a *business* e *management*, e centralizados no objetivo do estudo.

No primeiro período (2007-2012), obtivemos uma relação de 376 obras. A obra mais citada foi a de Mayer et al. (2009), em cujo estudo prenomina a teoria institucional, seguida por Gofrey et al. (2009), Surroca et al. (2010) e Brammer e Millington (2008), que pesquisaram a responsabilidade social corporativa. As obras seguintes predominam os estudos em inovação (Capaldo, 2007, Hull & Rothenberg, 2008; Adner & Kapoor, 2010; Leiponen & Helfat 2010, Zhou & Wu, 2010), teoria da firma (Zott & Amit, 2008; Morgan et al., 2009), alianças estratégicas (Kale & Singh, 2007; Reuner & Arino, 2007; Li et al., 2008), e visão baseada em recursos (Li & Zhang, 2007). Esta análise se distingue dos resultados apontados no estudo de Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra e Kniess (2016), que estudaram o período entre 2008 e 2013 em um conjunto de periódicos. Naquele estudo, a obra predominante era a de Barney (1991), seguida por Nelson e Winter (1982) e Cyert (1963).

O período de 2013 até 2018 obtivemos 724 obras. Neste período, constatamos uma mudança nos temas abordados, com Helfat et al. (2015), com capacidades dinâmicas, seguidos por Schilke (2014) na mesma abordagem. A terceira obra volta à teoria institucional, porém com o foco maior em inovação (Berrone et al., 2013). Em seguida, temos obras em inovação (Casadesus, Masanell & Zhu, 2013), teoria das firmas (Neffke & Henning, 2013; Garriga et al., 2013), custos de transação (Larsen et al., 2013) recursos gerenciais (Kor & Maesko, 2013), teorias organizacionais e conhecimento (Miller et al., 2013; Patel & Chrisman, 2014, Fosse et al., 2013), recursos estratégicos (Hsu Ziedonis, 2013), teoria instrumental (Henisz & Narthey, 2014), e teoria institucional (Wales et al., 2013). As obras citadas neste período se distinguem das observadas em outros estudos bibliométricos. Os estudos mais recentes (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016; Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016) apontam obras consagradas que fundamentam teorias, como as mais citadas. Nesta análise, constatamos que obras mais recentes ao ano de publicação do artigo são citadas. Estas obras não necessariamente constroem teorias, mas sim as comprova, criam relações entre elas e as argumentam em vários contextos.

Outra análise apontou para a predominância em obras elaboradas por vários autores. Entre as quinze obras mais citadas, vemos somente dois autores que publicaram seus trabalhos sozinhos. Capaldo (2007), na décima posição no período entre 2007 e 2012 e Schilke (2014), sendo este um dos mais

citados, no período de 2013 a 2018. Este resultado se diferenciou do que ocorria nas citações apresentadas por Ramos-Rodriguez e Ruiz- Navarro (2004), nas quais a obra mais citada era de Porter (1980), com um total de 266 citações no período (1980-2000) e de Rumelt (1974) com 166 citações no mesmo período. Mesmo que a pesquisa de Ramos-Rodriguez e Ruiz- Navarro (2004) divida a pesquisa em três períodos (1980-1986, 1987-1993, 1994-2000), as obras destes autores continuaram sendo citadas com maior frequência. A Tabela 1 apresenta os 15 artigos mais citados nos períodos de 2007 a 2012 e de 2013 até 2018 e quantidade de citações da obra nos períodos.

**Tabela 1** – Artigos mais citados nos períodos de 2007 a 2012 e de 2013 a 2018

2007 a 2012		Total de citações	%	2013 a 2018		Total de citações	%
1	Meyer, K. E., Estrin, S., Bhaumik, S. K., & Peng, M. W. (2009).	680	1,80	Helfat, C. E., & Peteraf, M. A. (2015).	237	1,57	
2	Godfrey, P. C., Merrill, C. B. & Hansen, J. M. (2009).	611	1,62	Schilke, O. (2014).	194	1,29	
3	Surroca, J., Tribó, J. A. & Waddock, S. (2010).	602	1,59	Berrone, P., Fosfuri, A., Gelabert, L., & Gomez-Mejia, L. R. (2013).	174	1,15	
4	Adner, R. & Kapoor, R. (2010).	573	1,52	Casadesus-Masanell, R., & Zhu, F. (2013).	172	1,14	
5	Zott, C. & Amit R. (2008).	535	1,42	Neffke, F., & Henning, M. (2013).	165	1,09	
6	Kale, P., & Singh, H. (2007).	527	1,39	Larsen, M. M., Manning, S., & Pedersen, T. (2013).	125	0,83	
7	Leiponen, A. & Helfat, C. E. (2010).	484	1,28	Kor, Y. Y., & Mesko, A. (2013).	124	0,82	
8	Morgan, N. A., Vorhies, D. W. & Mason, C. H. (2009).	448	1,19	Miller, D., Minichilli, A., & Corbetta, G. (2013).	122	0,81	
9	Li, H., & Zhang, Y. (2007).	430	1,14	Hsu, D. H., & Ziedonis, R. H. (2013).	107	0,71	
10	Capaldo, A. (2007).	414	1,10	Patel, P. C., & Chrisman, J. J. (2014).	103	0,68	
11	Brammer, S., & Millington, A. (2008).	408	1,08	Foss, N. J., Lyngsie, J., & Zahra, S. A. (2013).	103	0,68	
12	Li, J. J., Poppo, L., & Zhou, K. Z. (2008).	380	1,01	Henisz, W. J., Dorobantu, S., & Nartey, L. J. (2014).	102	0,68	
13	Zhou, K. Z. & Wu, F. (2010).	366	0,97	Garriga, H., Von Krogh, G., & Spaeth, S. (2013).	102	0,68	
14	Hull, C. E. & Rothenberg, S. (2008).	347	0,92	Bauer, F., & Matzler, K. (2014).	99	0,66	
15	Reuer, J. J. & Ariño, A. (2007).	318	0,84	Wales, W. J., Parida, V., & Patel, P. C. (2013).	97	0,64	

**Fonte:** Elaborada pelos autores com base no *Web of Science* (2019).

De modo complementar, efetuamos a análise dos autores mais citados nos dois períodos. As 376 obras do período de 2007 até 2012 geraram 1377 autores, apontados individualmente pela *Web of Science*. De igual forma, as 724 obras do período de 2013 até 2018 geraram 1288 autores, apontados individualmente. Uma análise preliminar mostrou uma redução de 6,5% na quantidade de autores do primeiro período para o segundo período. Ainda, podemos verificar que a proporção é de 3,66 autores

por obra no primeiro período contra 1,90 autores por obra no segundo período. Em uma análise secundária, identificamos que novos autores têm emergido em estratégia. O primeiro autor no primeiro período foi Zhang (Yan Anthea Zhang, pesquisas nas linhas *Strategic Management, Corporate Governance e Global Strategy*), com oito registros, enquanto no segundo período foram três registros. No período de 2013 até 2018, o autor Reuer (Jeffrey J. Reuer, pesquisas nas linhas *Strategic Management Alliances, Joint Ventures, Acquisitions e IPOs*) aparece com nove registros no segundo período e no primeiro período com três registros. O estudo de Feldman (Emilie R. Feldman- linha de pesquisa *Corporate Strategy, Diversification, Divestitures & Spinoffs, Mergers & Acquisitions e Corporate Governance*) aparece como um dos mais citados no período de 2013-2018, com sete registros, não citado no período analisado anterior. Tais resultados são contrários ao que aconteceu na pesquisa de Ramos-Rodriguez e Ruiz- Navarro (2004), em que os autores mais citados eram os consagrados com teorias predominantes, como competitividade com Porter (1985, 1980), teoria da firma com Nelson e Winter (1982) e teoria dos custos de transação com Williamson (1975, 1985). Aparentemente, observamos uma tendência aos estudos de fenômenos, os quais envolvem as teorias consagradas. A Tabela 2 apresenta os 50 autores mais citados e o percentual sobre todas as citações nos dois períodos analisados.

**Tabela 2** – Autores mais citados

2007-2012			2013-2018		
Autores	Registros	% de 1377	Autores	Registros	% de 1288
ZHANG Y	8	2.128	REUER JJ	9	1.243
SIRMON DG	6	1.596	MITCHELL W	8	1.105
AGARWAL R	5	1.330	SEMADENI M	8	1.105
ZHOU KZ	5	1.330	FELDMAN ER	7	0.967
BETTIS RA	4	1.064	HOSKISSON RE	7	0.967
GREVE HR	4	1.064	KRAUSE R	7	0.967
HAMBRICK DC	4	1.064	SHI W	7	0.967
HITT MA	4	1.064	XIA J	7	0.967
KEIL T	4	1.064	AGARWAL R	6	0.829
LI HY	4	1.064	CHEN GL	6	0.829
SINGH H	4	1.064	CONNELLY BL	6	0.829
TIWANA A	4	1.064	FOSS NJ	6	0.829
WIERSEMA MF	4	1.064	PURANAM P	6	0.829
CAPRON L	3	0.798	QIAN CL	6	0.829
DURAND R	3	0.798	ANAND J	5	0.691
ETHIRAJ SK	3	0.798	BARNEY JB	5	0.691
LEE GK	3	0.798	BELENZON S	5	0.691
LEVINTHAL DA	3	0.798	BETTIS RA	5	0.691
LI JJ	3	0.798	CHATTERJI AK	5	0.691
LIN Z	3	0.798	KAUL A	5	0.691
LOVALLO D	3	0.798	KETCHEN DJ	5	0.691



LUO YD	3	0.798
MARCEL JJ	3	0.798
MAULA M	3	0.798
MILLER KD	3	0.798
MITCHELL W	3	0.798
NERKAR A	3	0.798
PENG MW	3	0.798
POWELL TC	3	0.798
RAJAGOPALAN N	3	0.798
REUER JJ	3	0.798
ROTHAERMEL FT	3	0.798
SIMSEK Z	3	0.798
WILLIAMS C	3	0.798
XIA J	3	0.798
YANG HB	3	0.798
ZAJAC EJ	3	0.798
ACQUAAH M	2	0.532
AGGARWAL VA	2	0.532
ALESSANDRI TM	2	0.532
ARIKAN AM	2	0.532
ARINO A	2	0.532
BEAMISH PW	2	0.532
BIERMAN L	2	0.532
BOSSE DA	2	0.532
BOWEN HP	2	0.532
BRANDES P	2	0.532
CAMPBELL BA	2	0.532
CAMPBELL JT	2	0.532
CHAN CM	2	0.532

LAAMANEN T	5	0.691
PATEL PC	5	0.691
REITZIG M	5	0.691
SHAVER JM	5	0.691
TONG TW	5	0.691
WANG HL	5	0.691
WITHERS MC	5	0.691
ALCACER J	4	0.552
BINGHAM CB	4	0.552
CANNELLA AA	4	0.552
CERTO ST	4	0.552
CHANG SJ	4	0.552
DUSSAUGE P	4	0.552
FANG C	4	0.552
FLAMMER C	4	0.552
FOLTA TB	4	0.552
GARCIA-CASTRO R	4	0.552
GIARRATANA MS	4	0.552
HAMBRICK DC	4	0.552
JIA N	4	0.552
KNOTT AM	4	0.552
LEVINTHAL DA	4	0.552
LIEBERMAN MB	4	0.552
MANNOR MJ	4	0.552
MCCANN BT	4	0.552
MCMAMARA G	4	0.552
MILLER D	4	0.552
POSEN HE	4	0.552
ROSS DG	4	0.552

**Fonte:** Elaborada pelos autores com base no *Web of Science* (2019).

### 3.2 Análise de cocitação

A análise de cocitação permite identificar como os autores são citados por outros autores e como são agrupados, as ligações mais significantes e os elos que têm entre os autores citados no mesmo artigo (Van Rann, 2012). Por meio deste tipo de análise, é possível verificar os artigos mais importantes citados entre as obras que tratam a estratégia como foco. Esta estratégia de análise é fundamentada por Vogel e Guttel (2000) como a análise da citação de um determinado artigo por outros autores que o citam em conjunto. Portanto, a cocitação indica a importância da obra na área de interesse da pesquisa. Neste sentido, os autores citam os artigos que têm mais proximidade com o tema da sua pesquisa. Esta situação permite obtermos uma relação de artigos que se relacionam quanto a um tema. Ainda, proporciona uma perspectiva para pesquisas futuras (Garfield, 2002).

### 3.2.1 Análise cocitação do período entre 2007 e 2012

A amostra do período de 2007 a 2012 é composta por 376 artigos. Após as análises feitas no Bibexcel, obtivemos 48 artigos, que representam 12,76 % dos artigos totais, respeitando a lei de Lotka, na qual 5% das obras representam o total de todas as obras. Em seguida, efetuamos a AFE no SPSS, conforme critérios de Quevedo-Silva et al. (2016). Esta análise resultou em uma amostra neste período, após extrações, de 36 artigos. Os 36 artigos representam 9,57% do total de artigos, portanto indica a influência do tema (Nath & Jackson, 1991). Estes artigos geraram quatro fatores para análise da cocitação. Insta destacar que a classificação realizada não elimina a possibilidade de que determinados artigos vinculados a um determinado fator não estejam relacionados à referência de outros fatores, mas, simplesmente, que eles são frequentemente cocitados como referência do mesmo fator. A Tabela 3 sintetiza os artigos, a carga fatorial de todos, sinalizando os fatores predominantes. Optamos por apresentar a carga fatorial em todos os componentes, seguindo tendências nos estudos bibliométricos (Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016), cujo objetivo é apresentar o quanto um fator está relacionado a outro. O diagrama de rede representa melhor esta relação, neste período, visto na Figura 2, servindo como análise confirmatória da AFE (Serra, Ferreira, Guerrazzi, & Scaciotta, 2018; Hair, 2009).

**Tabela 3** - Análise fatorial do período de 2007-2012 e a carga fatorial de todos artigos da amostra

	Artigos	Componente			
		● 1	▲ 2	◆ 3	■ 4
Coc3	Amit, R., & Schoemaker, P. J. (1993). Strategic assets and organizational rent. <i>Strategic management journal</i> , 14(1), 33-46.	,896	,029	,099	,133
Coc5	Barney, J. B. (1986). Strategic factor markets: Expectations, luck, and business strategy. <i>Management science</i> , 32(10), 1231-1241.	,884	-,042	,092	,141
Coc38	Peteraf, M. A. (1993). The cornerstones of competitive advantage: a resource-based view. <i>Strategic management journal</i> , 14(3), 179-191.	,852	,014	,172	,019
Coc22	Helfat, C. E., & Peteraf, M. A. (2003). The dynamic resource-based view: Capability lifecycles. <i>Strategic management journal</i> , 24(10), 997-1010.	,845	,058	,210	,197
Coc48	Wernerfelt, B. (1984). A resource-based view of the firm. <i>Strategic management journal</i> , 5(2), 171-180.	,817	,070	,288	,050
Coc11	Dierickx, I., & Cool, K. (1989). Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. <i>Management science</i> , 35(12), 1504-1511.	,811	,040	,163	,149
Coc32	Lippman, S. A., & Rumelt, R. P. (1982). Uncertain imitability: An analysis of interfirm differences in efficiency under competition. <i>The bell journal of Economics</i> , 418-438.	,799	-,029	,292	,213
Coc37	Penrose, E. T. (1959). <i>The Theory of the Growth of the Firm</i> . NY: Oxford University Press	,781	,001	,373	,122





Coc4	Barney, J. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage. <i>Journal of management</i> , 17(1), 99-120.	,691	-,111	,030	,294
Coc14	Eisenhardt, K. M., & Martin, J. A. (2000). Dynamic capabilities: what are they?. <i>Strategic management journal</i> , 21(10-11), 1105-1121.	,689	,150	,345	,243
Coc40	Porter, M. E. (1980). <i>Competitive strategy: Techniques for analyzing industries and competitors</i> .	,663	-,017	,505	,024
Coc44	Teece, D. J., Pisano, G., & Shuen, A. (1997). Dynamic capabilities and strategic management. <i>Strategic management journal</i> , 18(7), 509-533.	,650	,148	,399	,118
Coc49	Williamson, O. E. (1975). <i>Markets and hierarchies</i> . New York, 2630.	,578	,561	,132	-,087
Coc23	Henderson, R., & Cockburn, I. (1994). Measuring Competence? Exploring Firm Effects in Pharmaceutical Research. <i>Strategic Management Journal</i> , 15(S1), 63-84. doi:10.1002/smj.4250150906	,541	,436	,014	,477
Coc18	Gulati, R. (1995) "Does familiarity breed trust? The implications of repeated ties for contractual choice in alliances." <i>Academy of management journal</i> 38(1), 85-112.	,145	,798	,079	-,093
Coc7	Baum, J. A., Calabrese, T., & Silverman, B. S. (2000). Don't go it alone: Alliance network composition and startups' performance in Canadian biotechnology. <i>Strategic management journal</i> , 21(3), 267-294.	,034	,795	,121	,119
Coc34	Mowery, D. C., Oxley, J. E., & Silverman, B. S. (1996). Strategic alliances and interfirm knowledge transfer. <i>Strategic management journal</i> , 17(S2), 77-91.	-,188	,790	-,218	,241
Coc13	Dyer, J. H., & Singh, H. (1998). The relational view: Cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. <i>Academy of management review</i> , 23(4), 660-679.	,201	,775	,039	-,062
Coc15	Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. <i>American journal of sociology</i> , 91(3), 481-510.	-,186	,774	-,059	-,255
Coc28	Lane, P. J., & Lubatkin, M. (1998). Relative absorptive capacity and interorganizational learning. <i>Strategic management journal</i> , 19(5), 461-477	-,063	,758	,084	,436
Coc41	Powell, W. W., Koput, K. W., & Smith-Doerr, L. (1996). Interorganizational collaboration and the locus of innovation: Networks of learning in biotechnology. <i>Administrative science quarterly</i> , 116-145.	-,034	,751	-,055	,370
Coc1	Ahuja, G. (2000). Collaboration networks, structural holes, and innovation: A longitudinal study. <i>Administrative science quarterly</i> , 45(3), 425-455	-,150	,720	-,067	,257
Coc27	Kogut, B., & Zander, U. (1992). Knowledge of the firm, combinative capabilities, and the replication of technology. <i>Organization science</i> , 3(3), 383-397.	,361	,608	,245	,275
Coc16	Grant, R. M. (1996). Toward a knowledge-based theory of the firm. <i>Strategic management journal</i> , 17(S2), 109-122.	,513	,581	,229	,306
Coc21	Hannan, M. T., & Freeman, J. (1984). Structural inertia and organizational change. <i>American sociological review</i> , 149-164.	,175	,170	,790	,215
Coc12	DiMaggio, P. J., & Powell, W. W. (1983). The iron cage revisited: Institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. <i>American sociological review</i> , 147-160	,148	-,145	,783	-,066
Coc10	Cyert, R. M., & March, J. G. (1963). <i>A behavioral theory of the firm</i> . Englewood Cliffs, NJ, 2(4), 169-187.	,198	,067	,731	,128
Coc8	Chen, M. J. (1996). Competitor analysis and interfirm rivalry: Toward a theoretical integration. <i>Academy of management review</i> , 21(1), 100-134.	,420	-,273	,647	-,088

Coc29	Levinthal, D. A., & March, J. G. (1993). The myopia of learning. <i>Strategic management journal</i> , 14(S2), 95-112.	,426	,124	,573	,415
Coc45	Thompson, J. D. (1967). <i>Organizations in action</i> . New York: McGraw-Hill. Thompson <i>Organizations in Action</i> 1967.	,501	-,167	,526	,381
Coc42	Stinchcombe, A. L. (1965). Organizations and social structure. <i>Handbook of organizations</i> , 44(2), 142-193.	,203	,130	,472	,393
Coc33	March, J. G. (1991). Exploration and exploitation in organizational learning. <i>Organization science</i> , 2(1), 71-87.	,384	,375	,460	,442
Coc24	Henderson, R. M., & Clark, K. B. (1990). <i>Administrative Science Quarterly</i> . Special Issue: Technology, Organizations, and Innovation, 9-30.	,395	,215	,151	,611
Coc35	Nelson, C. R., & Winter, S. (1982). Organizational capabilities and behavior: An evolutionary theory of economic change.	,418	,239	,254	,541
Coc30	Levitt, B., & March, J. G. (1988). Organizational learning. <i>Annual review of sociology</i> , 14(1), 319-338.	,239	,374	,494	,505
Coc31	Lieberman, M. B., & Montgomery, D. B. (1988). First-mover advantages. <i>Strategic management journal</i> , 9(S1), 41-58.	,414	,165	,454	,467

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Os quatro fatores identificados explicam 68,79% do modelo. Sequencialmente, temos o primeiro fator CC1 com 14 artigos, seguido pelo fator CC2 com 10 artigos e pelos fatores CC3 com 8 artigos e o fator CC4 com 4 artigos respectivamente. A Tabela 4 sintetiza os fatores encontrados neste primeiro período, de 2007 até 2012, a densidade e coesão, a variância explicada e acumulada de cada fator. Dessa forma, é possível sintetizar e explicar que os 36 artigos representam a estrutura intelectual deste período.

**Tabela 4** – Métricas de análise dos fatores da cocitações e da rede (2007-2012)

Cocitações	Nº de artigos	Densidade	Coesão	% Variância explicada	% Variância Acumulada	KMO	Bartlett
CC1 	14	1,00	1,10	40,83	40,83		
CC2 	10	0,98	1,17	17,63	58,46		
CC3 	8	0,96	1,07	6,56	65,02		
CC4 	4	1,00	1,08	3,77	68,79		
<b>Total</b>	36					0,75	0,000

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

### 3.2.2 Análises dos fatores do período entre 2007 e 2012

#### Teorias Baseadas em Recursos

Os resultados mostram, neste período, predominância das obras baseadas em recursos. Com a análise fatorial, encontramos que, dos 36 artigos apresentados 14 resultaram no primeiro fator CC1, sendo que 10 deles estão relacionados à teoria de recursos. O artigo de maior destaque foi o de Amit e Schoemaker (1993), seguido pelas obras de Barney (1986, 1991), Wernerfelt (1984), Peteraf (1993), Helfat e Peteraf (2003), Dierickx e Cool (1989), que, predominantemente, falam de recursos. Já com menores cargas fatoriais neste fator, temos aqueles que abordam as capacidades dinâmicas, com os

artigos de Eisenhardt e Martin (2000) e Teece et al. (1997) e, por fim, custos de transação, com Williamson (1975).

Trabalhos seminais que abordam recursos e a vantagem competitiva (Penrose, 1959; Barney, 1986, 1991; Peteraf, 1993; Wernerfelt, 1984) consolidam a teoria baseada em recursos. Os autores, em grande parte, citam Penrose (1959), Peteraf (1993), Teece, Pisano e Shuen (1997) e Wernerfelt (1984) para definir que a visão baseada em recursos da empresa é uma estrutura teórica influente para se entender como a vantagem competitiva dentro das empresas é alcançada e como essa vantagem pode ser sustentada ao longo do tempo. Nesta vertente, temos a obra de Porter (1980), muito citado para mensurar a estratégia competitiva das empresas e, por consequência, a habilidade em utilizar os recursos. Sendo assim, a empresa é um conjunto de recursos e capacidades (Amit & Schoemaker, 1993). Quando as empresas possuem recursos valiosos, raros, inimitáveis e não substituíveis (Barney, 1991), elas podem obter vantagem competitiva sustentável, implementando novas estratégias criadoras de valor que não podem ser facilmente duplicadas por empresas concorrentes (Peteraf, 1993; Wernerfelt, 1984). Eisenhardt e Martin (2000) abordam as capacidades dinâmicas como uma extensão dos recursos da empresa. Capacidades dinâmicas são processos embutidos em firmas, ao invés de uma modelagem econômica e formal (Peteraf, 1993; Eisenhardt & Martin, 2000). As capacidades dinâmicas são, muitas vezes, caracterizadas como processos únicos e idiossincráticos, que emergem de histórias dependentes do caminho de empresas individuais, portanto recursos para mercados dinâmicos (Teece et al., 1997). A teoria baseada em recursos assume que as empresas podem ser conceitualizadas como pacotes de recursos e que estes são distribuídos heterogeneamente entre empresas, também que as diferenças de recursos persistem ao longo do tempo (Penrose, 1959; Wernerfelt, 1984). O ciclo de vida do recurso é uma abordagem da teoria dinâmica dos recursos e a explicação para heterogeneidade destes na organização (Helfat & Peteraf, 2003). De igual forma, Henderson e Cockburn (1994) destacam a importância dos recursos das empresas como competência organizacional. Por fim, os fatores que induzem custos de transação com o mercado e a organização passam pela visão baseadas nos recursos (Williamson, 1975). Há evidências neste fator, que mostram como se comportaram os estudos focados nos recursos organizacionais, dos artigos seminais sobre a utilização dos recursos (Peteraf, 1993; Wernerfelt, 1984; Barney, 1986, 1991; Amit, 1993). Os recursos podem ser vistos como capacidades organizacionais ou dinâmicas (Teece et al., 1997; Eisenhardt & Martin, 2000), sem deixar de analisar os recursos como vantagem competitiva, seja pela capacidade da firma em utilizá-los (Porter, 1980) ou como o recurso nos custos de uma transação (Williamson, 1975). Nesta vertente, vemos que os artigos neste fator se relacionam por tratarem de recursos e capacidade da organização em lidar com estes recursos.

Estudos anteriores, como os de Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) e Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra e Kniess (2016) confirmam a relevância da teoria baseada em recursos para disciplina de estratégia. Por este motivo, denominamos o fator CC1 como sendo **Teorias Baseadas em Recursos**.



### Alianças Estratégicas, Redes e Conhecimento

O fator CC2 considerou 10 artigos em sua composição. Os artigos tratam, em essência, sobre alianças estratégicas, redes e conhecimento. As cargas fatoriais ficaram muito equilibradas neste fator, reforçando a singularidade e o tema central. Inicialmente, temos a obra Gulati (1995), que estuda as alianças entre firmas, seguida por Baum et al. (2000), que tratam das alianças estratégicas e redes sociais. Na sequência, identificamos Mowery et al. (1996), Dyer e Singh (1998) e Lane e Lubatkin (1998), que estudaram alianças estratégicas, conhecimentos e capacidades. Granovetter (1985) aparece em seguida com os estudos sobre redes, e de igual forma Powell et al. (1996) e Ahuja (2000). Kogut e Zander (1992) e Grant (1996) aparecem no final, com pesquisas que abordam a teoria baseada no conhecimento. Estes artigos definiram o título do segundo fator como sendo **Alianças Estratégicas, Redes e Conhecimento**.

As firmas enfrentam paradoxos, uma vez que têm necessidade simultânea de profundidade e amplitude em sua rede de parceiros (Uzzi, 1997). Mowery (1996) destaca a importância da semelhança do *core business* da organização, objetivando a complementaridade entre os parceiros da aliança. As alianças servem como instrumento de inserção das organizações nas redes estratégicas. As redes de relacionamentos são de vital importância para as organizações, pois partilham relações de mútua dependência (Powell, 1996). As alianças podem ter naturezas horizontais e verticais (Baum, 2000). Esses mecanismos possibilitariam a manutenção das vantagens (Grant, 1991), a identificação da escolha das estruturas de governança e o custo de transação neste processo (Gulati, 1995). Dyer e Hing (1998) destacam ainda que os recursos críticos podem ultrapassar os limites de uma empresa e ser incorporados interfirmas. Em outra vertente, temos a aprendizagem interorganizacional, na qual aprender é uma capacidade dinâmica que está relacionada a semelhanças dos conhecimentos de ambas as partes (Lane & Lubatkin, 1998). Neste sentido, vemos a obra de Kogut e Ander (1992), com o conhecimento, as capacidades e reprodução da tecnologia como instrumentos que podem ser compartilhados e transferidos entre indivíduos e entre as empresas. Outra forma de se verem redes passa pelo estabelecimento de parâmetros para conexões ou desconexões entre as empresas, olhando-se os vínculos diretos, indiretos e buracos estruturais. Neste segmento, identificamos a obra de Ahuja (2000). As redes possuem relações fracas ou fortes, sendo que as relações existentes fortalecem ou diminuem a força das redes. Portanto, o comportamento e as instituições são afetados pelas forças das relações sociais que existem entre eles (Granovetter, 1985).

Observamos, neste fator, que as obras estão relacionadas pela natureza do estudo, em essencial, pela necessidade que alianças ou redes exigem de seus parceiros, ou na procura deles. Na construção de uma parceria (ex: Gulati, 1995), ocorre o conhecimento que pode ser adquirido ou transferido (ex: Dyer & Singh, 1998) e a colaboração que pode existir (ex: Kogut & Zander, 1992). Vemos também que a obra de Granovetter (1985) aparece neste fator com uma carga fatorial alta. É evidente como citam o autor para referenciar a estrutura social e ações econômicas das alianças organizacionais, a interação entre os agentes, a relação social e cultural, que vão além das relações de custos da transação.

## Teorias Organizacionais

O assunto central do fator CC3, que possui oito artigos, é a teoria organizacional. Os três primeiros artigos estudam a teoria organizacional (Hannan & Freeman, 1984), a teoria institucional (DiMaggio & Powell, 1983) e a teoria comportamental da firma (Cyert & March, 1963). Em seguida, temos Chen (1996), abordando a teoria da firma e a teoria baseada em recursos. Levinthal e March (1993) e March (1991) baseiam seus trabalhos na aprendizagem organizacional, *exploration* e *exploitation* e Thompson (1967) e Stinchcombe (1965) voltam à teoria organizacional. Definimos este terceiro fator como **Teorias Organizacionais**.

A teoria institucional reforça que as empresas são parecidas (isomorfismo). A obra clássica de DiMaggio e Powell (1984) aborda os mecanismos de racionalização e burocratização estabelecidos por instituições, as quais padronizam e igualam as empresas. De igual forma, Hannan e Freeman (1984) procuram entender porque existe a inércia estrutural e porque elas são fortes dentro das empresas. Inversamente, as empresas concorrem e possuem um perfil de mercado único, embora possuam similaridades de recursos (Chen, 1996). Neste fator, temos uma vertente para aprendizagem organizacional, o conhecimento adquirido, transformado e absorvido (March, 1965; Levinthal & March, 1993; Cyert, 1996).

Este fator, predominantemente, revisita os artigos clássicos das teorias organizacionais, utilizados na literatura para fundamentar a inércia ou mudanças organizacionais (Hannan & Freeman, 1984, DiMaggio & Powell, 1984) e como podem, por exemplo, utilizar a aprendizagem organizacional (March, 1991, Levinthal & March, 1993). Pinto Fernandes et al. (2015) retratam que as teorias organizacionais são de natureza dinâmica e representam os processos de mudanças organizacionais.

## Estratégias Diversificadas

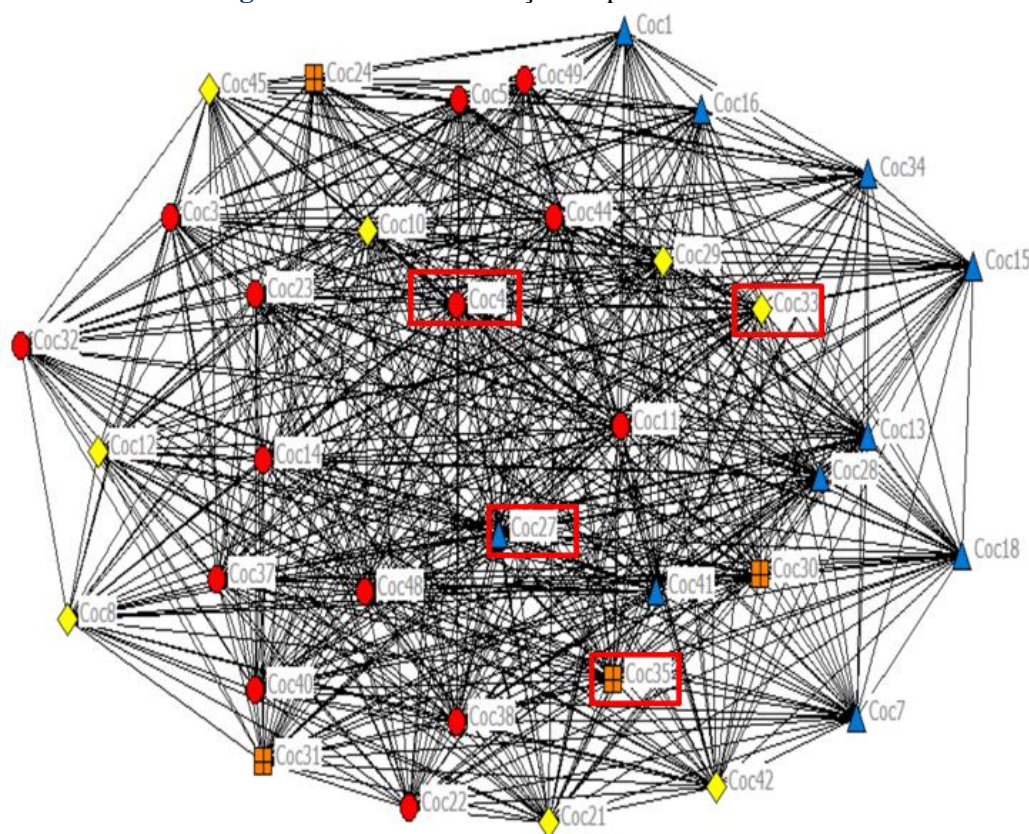
O quarto fator, CC4, é composto por quatro artigos com teorias diversificadas. Temos inovação (Henderson & Clark, 1990), teoria econômica (Nelson & Winter, 1982), aprendizagem organizacional (Levitt & March, 1988) e, por fim, teoria dos recursos (Lieberman & Montgomery, 1988). Portanto, este quarto fator foi determinado como **Estratégias Diversificadas**.

A interpretação de aprendizagem organizacional de Levitt e March (1988) baseia-se em observações clássicas extraídas de estudos comportamentais de organizações. A primeira é que o comportamento em uma organização é baseado em rotinas, de acordo com Nelson & Winter (1982). Henderson e Clark (1990) citam Nelson e Winter (1982), entre outros, enquanto inovação incremental introduz mudanças relativamente pequenas no produto existente, explora o potencial do *design* estabelecido. Essa observação, muitas vezes, reforça o domínio de firmas estabelecidas. Por outro lado, a obra de Lieberman e Montgomery (1988) explora os mecanismos que conferem vantagens e desvantagens de ser empresa pioneira. Ferreira, Fernandes e Ratten (2016) destacaram que o comportamento organizacional representa um fator inerente à estratégia em todas as suas facetas, e este fator representa estas relações.

### 3.2.3 Rede de cocitação do período de 2007 a 2012

A rede de cocitação elaborada no *software* Ucinet é apresentada na Figura 2, na qual as linhas de ligação mostram claramente a união intelectual entre os autores. O diagrama de rede demonstra as formações de redes e representam a análise confirmatória do índice de coesão (Levine & Kurzban, 2006). Os pontos vermelhos pertencem ao fator CC1 e apresentam os artigos sobre Teorias Baseadas em Recursos e a centralidade no artigo Coc4 (Barney, 1991). Os pontos azuis são referentes ao fator CC2 sobre Alianças Estratégicas, redes e conhecimento, sendo que a centralidade está no artigo Coc27 (Kogut & Zander (1992)). Já os pontos amarelos representam o fator CC3, Teorias Organizacionais, e a centralidade está no artigo Coc33 (March, 1991). Por último, os pontos laranjas são as Estratégias Diversificadas e sua centralidade está no artigo Coc35 (Nelson & Winter, 1982). A Figura 2 apresenta a rede de ligações entre os artigos com a legenda e a centralidade dos artigos. Os artigos são representados pela sigla Coc (Cocitação) e são citados na Tabela 4.

**Figura 2** – Rede de cocitação do período 2007/2012



**Legenda:** Fator e centralidade

Centralidade total			
Fator	Variável	Degree	nDegree
CC1 ● Teorias dos recursos	Coc4	383.000	0.353
CC2 ▲ Alianças estratégicas, redes e conhecimento	Coc27	231.000	0.213
CC3 ◆ Teorias organizacionais	Coc33	208.000	0.192
CC4 ▣ Estratégias diversificadas	Coc35	324.000	0.299

**Fonte:** Ucinet (2019) e análise fatorial com base nos artigos de 2007-2012.

### 3.3 Análise cocitação do período entre 2013 e 2018

A amostra total do período de 2013-2018 é composta por 724 artigos. As análises feitas no Bibexcel, respeitando a lei de Lotka, resultaram em uma amostra final para análise de cocitação de 46 artigos (6,35% do total de artigos da amostra). Respeitando os critérios de exclusão de Quevedo-Silva et al. (2016), da análise fatorial, resultaram 30 artigos. Estes artigos representam a influência do tema (Nath & Jackson, 1991) e geraram dois fatores. Ressalta-se que o artigo citado em um fator pode ser citado em outro fator, mas a classificação determina que tal artigo é mais frequentemente cocitado em determinado fator. A Tabela 5 sintetiza a carga fatorial de todos os artigos e os fatores identificados após a classificação na análise fatorial. Com visto no período anterior, optamos por apresentar a carga fatorial em todos os componentes, seguindo tendências nos estudos bibliométricos (Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016), cujo objetivo é apresentar quanto um fator está relacionado a outro. O diagrama de rede representa melhor esta relação, Neste período, visto na Figura 6, apresenta-se a análise confirmatória da AFE (Serra, Ferreira, Guerrazzi, & Scaciotta, 2018, Hair, 2009).

**Tabela 5** - Análise fatorial do período de 2013-2018 e a carga fatorial de todos artigos da amostra

	Artigos	Componente	
		● 1	▲ 2
coc25	Katila, R., & Ahuja, G. (2002). Something old, something new: A longitudinal study of search behavior and new product introduction. <i>Academy of management journal</i> , 45(6), 1183-1194.	,869	-,088
coc31	March, J. G. (1991). Exploration and exploitation in organizational learning. <i>Organization science</i> , 2(1), 71-87.	,825	,038
coc39	Rosenkopf, L., & Paul A. (2003). Overcoming local search through alliances and mobility. <i>Management science</i> 49(6), 751-766.	,825	-,050
coc15	Fleming, L. (2001). Recombinant uncertainty in technological search. <i>Management science</i> , 47(1), 117-132.	,820	-,157
coc27	Levinthal, D. A., & March, J. G. (1993). The myopia of learning. <i>Strategic management journal</i> , 14(S2), 95-112.	,807	,110
coc29	Levitt, B., & March, J. G. (1988). Organizational learning. <i>Annual review of sociology</i> , 14(1), 319-338.	,797	,329
coc21	Henderson, R. M., & Clark, K. B. (1990). Administrative Science Quarterly. Special Issue: Technology, Organizations, and Innovation, 9-30.	,772	,022
coc30	March, J. G., & Simon, H. A. (1958). <i>Organizations</i> . Wiley: New York	,759	-,091
coc43	Tripsas, M., & Gavetti, G. (2000). Capabilities, cognition, and inertia: Evidence from digital imaging. <i>Strategic management journal</i> , 21(10-11), 1147-1161.	,755	,252
coc33	Ocasio, W. (1997). Towards an attention-based view of the firm. <i>Strategic management journal</i> , 18(S1), 187-206.	,741	,131
coc8	Cohen, W. M., & Levinthal, D. A. (1990). Absorptive capacity: A new perspective on learning and innovation. <i>Administrative science quarterly</i> , 35(1), 128-152.	,730	,165
coc44	Tushman, M. L., & Anderson, P. (1986). Technological discontinuities and organizational environments. <i>Administrative science quarterly</i> , 439-465	,705	,168
coc28	Levinthal, D. A. (1997). Adaptation on Rugged Landscapes. <i>Management Science</i> , 43(7), 934-950. doi:10.1287/mnsc.43.7.934	,690	,244
coc32	Nelson, C. R., & Winter, S. (1982). Organizational capabilities and behavior: An evolutionary theory of economic change.	,684	,235



coc9	Cyert, R. M., & March, J. G. (1963). A behavioral theory of the firm. Englewood Cliffs, NJ, 2(4), 169-187.	,625	-,013
coc26	Kogut, B., & Zander, U. (1992). Knowledge of the firm, combinative capabilities, and the replication of technology. <i>Organization science</i> , 3(3), 383-397.	,599	,446
coc16	Grant, R. M. (1996). Toward a knowledge-based theory of the firm. <i>Strategic Management Journal</i> , 17(S2), 109–122. doi:10.1002/smj.4250171110	,592	,572
coc36	Peteraf, M. A. (1993). The cornerstones of competitive advantage: a resource-based view. <i>Strategic management journal</i> , 14(3), 179-191	,193	,874
coc46	Wernerfelt, B. (1984). A resource-based view of the firm. <i>Strategic management journal</i> , 5(2), 171-180.	,072	,834
coc38	Porter, M. E. (1980). Competitive strategy: Techniques for analyzing industries and competitors.	-,011	,826
coc7	Coff, R. W. (1999). When competitive advantage doesn't lead to performance: The resource-based view and stakeholder bargaining power. <i>Organization science</i> , 10(2), 119-133.	-,160	,815
coc35	Penrose, E. T. (1959). <i>The Theory of the Growth of the Firm</i> . NY: Oxford University Press.	,290	,784
coc10	Dierickx, I., & Cool, K. (1989). Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. <i>Management science</i> , 35(12), 1504-1511.	,336	,784
coc5	Castanias, R. P., & Helfat, C. E. (1991). Managerial resources and rents. <i>Journal of management</i> , 17(1), 155-171.	-,239	,738
coc41	Teece, D. J., Pisano, G., & Shuen, A. (1997). Dynamic capabilities and strategic management. <i>Strategic management journal</i> , 18(7), 509-533.	,215	,716
coc4	Brandenburger, A. M., & Stuart Jr, H. W. (1996). Value-based business strategy. <i>Journal of economics &amp; management strategy</i> , 5(1), 5-24.	-,062	,700
coc13	Eisenhardt, K. M., & Martin, J. A. (2000). Dynamic capabilities: what are they?. <i>Strategic management journal</i> , 21(10-11), 1105-1121.	,240	,696
coc6	Coff, R. W. (1997). Human assets and management dilemmas: Coping with hazards on the road to resource-based theory. <i>Academy of management review</i> , 22(2), 374-402.	,268	,695
coc3	Barney, J. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage. <i>Journal of management</i> , 17(1), 99-120.	,060	,643
coc47	Williamson, O. E. (1975). <i>Markets and hierarchies</i> . New York, 2630.	,006	,613

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Os dois fatores explicam 60,76% do modelo. O fator CC1, com 17 artigos, e o fator CC2 com 13 artigos, totalizando os 30 artigos, que representam a estrutura intelectual da disciplina estratégia no período de 2013 a 2018. A Tabela 6 apresenta os fatores encontrados no segundo período de análise, a densidade e coesão, a variância explicada e acumulada de cada fator.

**Tabela 6** – Métricas de análise dos fatores da co-citações e da rede (2013-2018)

Co-citações	Nº de artigos	Densidade	Coesão	% Variância explicada	% Variância Acumulada	KMO	Bartlett
CC1 ●	17	0,99	1,11	39,99	38,99		
CC2 ▲	13	0,99	1,10	21,76	60,76		
<b>Total</b>	<b>30</b>					<b>0,78</b>	<b>0,000</b>

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).



### 3.3.1 Análises dos fatores do período de 2013 até 2018

#### Aprendizagem, Conhecimento e Inovação

Os resultados neste período (2013-2018) geraram dois fatores predominantes. O fator CC1, com 17 artigos, registrou primeiramente a obra mais citada Katila e Ahuja (2002), que pesquisam a criação de novos produtos baseados em conhecimentos adquiridos internamente, predominante focado em estratégia comportamental. A obra foi seguida por estudos sobre incertezas com as mudanças tecnológicas Fleming (2001), alianças como meio de adquirir conhecimento (Rosenkopf & Paul, 2003) e por March (1991), que define como *exploration* a capacidade de potencializar o conhecimento existente para manter o desempenho e o *exploitation* como sendo a capacidade de gerar novos conhecimentos, inovações e mudanças, que garantam a sobrevivência do negócio. Esses trabalhos perfazem o primeiro quadrante desta pesquisa. Assuntos como aprendizagem organizacional, com Levitt e March (1988) e Kogout e Zander (1992), e mudança organizacional de Levinthal (1997) amparam o tema central deste fator. Não menos expressivas são as obras de Cohen e Levinthal, (1990) e Levinthal e March (1993) sobre capacidade absorptiva. Também, conhecimento organizacional por Grant (1996) e Tripsas e Gavetti (2000), que fortalecem a centralidade deste fator no conhecimento e aprendizagem. Outras obras, como Henderson e Clark (1990), Nelson e Winter (1982), Tushman e Anderson (1986) e March e Simon (1958) tratam sobre assuntos relacionados às firmas e à inovação como recurso estratégico, tal como o foco de Ocasio (1997) em estudos sobre recursos e rotinas de desenvolvimento nas empresas e Cyert e March (1963) com teoria comportamental da firma. As obras relacionadas à aprendizagem e conhecimento ocuparam os primeiros lugares neste fator e a inovação logo em seguida. Por este motivo denominamos este fator como **Aprendizagem, Conhecimento e Inovação**.

Este fator apresentou uma mudança no campo teórico sobre estratégia. Primeiramente, por unir 17 artigos que estão relacionados a teorias comportamentais, destacados por Serra, Ferreira, Almeida e Vanz (2012) como sendo aprendizagem, conhecimento e inovação. Identificamos obras seminais que abordam o assunto aprendizagem e que são destaque neste fator. O autor mais citado é James Gardner March (March J G), que era um sociólogo que estudava as organizações e o comportamento organizacional. Obras dele, como March (1991), se destacaram por apresentar os conceitos de *exploration* (como forma de prospectar conhecimento, recursos) e *exploitation* (explorar os recursos, conhecimento e *capabilities*) nas organizações. Com outros colegas (Levinthal & March, 1993, Levitt & March, 1993, Cyert & March, 1963, March e Simon, 1958), o autor continuou contribuindo com estudos sobre aprendizagem organizacional. Chohen e Levinthal (1990) apresentaram o conceito de capacidade absorptiva (*absorptive capacity*), cuja questão central é mostrar que as organizações precisam buscar aprender e se apropriar do conhecimento adquirido. De tal forma, os recursos disponíveis devem ser úteis, como vemos nos estudos, considerando a aprendizagem e conhecimento (Kogut & Zander, 1992). O debate sobre as teorias comportamentais contrapõe as teorias económicas, preconizada por Nelson e Winter (1982), que apresentam nova perspectivas, como as teorias comportamentais e as

capacidades de aprendizagem da organização (Grant, 1996). No entanto, vemos que há preocupações que envolvem o ambiente tecnológico como influenciador de processos de aprendizagem, tendo-se em vista, por exemplo, as obras de Thushman e Anderson (1986) e Fleming (2001). De igual forma, identificamos que alianças podem contribuir na aprendizagem das organizações, na transferência e no compartilhamento de conhecimento, como preconizam Rosenkopf e Paul (2003). Por fim, este fator mostra tendências de estudos que abordam as teorias comportamentais, também ligados a outros campos teóricos, como visto na obra de Katila e Ahuja (2002), que é ligado à inovação como resultado da aprendizagem para criação de novos produtos. Por outro lado, temos, neste fator, a obra de Ocasio (1997), que apresenta uma vertente nova para a tomada de decisão dos gestores e sobre como estes canalizam e distribuem a atenção. Ou seja, as tomadas de decisões dos gestores estão relacionadas a situações específicas e dependem de vários fatores como regras, recursos e relacionamentos na organização. Esta obra foi apontada na pesquisa de Fernandes Pinto et al. (2015), ainda com discrição, e emergiu neste fator, com uma carga fatorial mais alta, mostrando, talvez, novas vertentes para o comportamento estratégico das empresas (visão baseada na atenção).

#### Teorias Baseadas em Recursos

O segundo fator, CC2 apresentou 13 artigos. Ele está dividido em três grandes blocos; o primeiro bloco começa com as obras de Peteraf (1993), Wernelft (1984), os quais, essencialmente, tratam de recursos estratégicos e Coff (1999), usando a mesma linha, mas com o foco em *stakeholder*, que emergem neste fator. Temos também, neste primeiro quadrante, a clássica obra das cinco forças de Porter (1980) para relacionar os recursos e o limite da imitação. Seguindo, o próximo grupo se inicia com a obra de Penrose (1959), Dierickx e Cool (1989), os quais ainda abordam recursos e capacidades. Já neste grupo, temos Castanias e Helfat (1991), que tratam de recursos financeiros e habilidades gerenciais. Teece, Pisano e Shuen (1997), como na obra de Eisenhardt e Martin (2000), representam neste e no próximo grupo os recursos baseados em conhecimento. Brandenburger e Nalebuff (1996) pesquisaram competição e cooperação, observando fornecedores de recursos. O terceiro grupo deste fator apresenta outra obra de Coff (1997), retomando a importância dos recursos humanos como difíceis de serem imitados. Por fim, temos as clássicas obras sobre visão baseada em recursos de Barney (1991) e custos de transação de Williamson (1975). Estes artigos sugeriram que este fator pode ser denominado de **Teorias Baseadas em Recursos**.

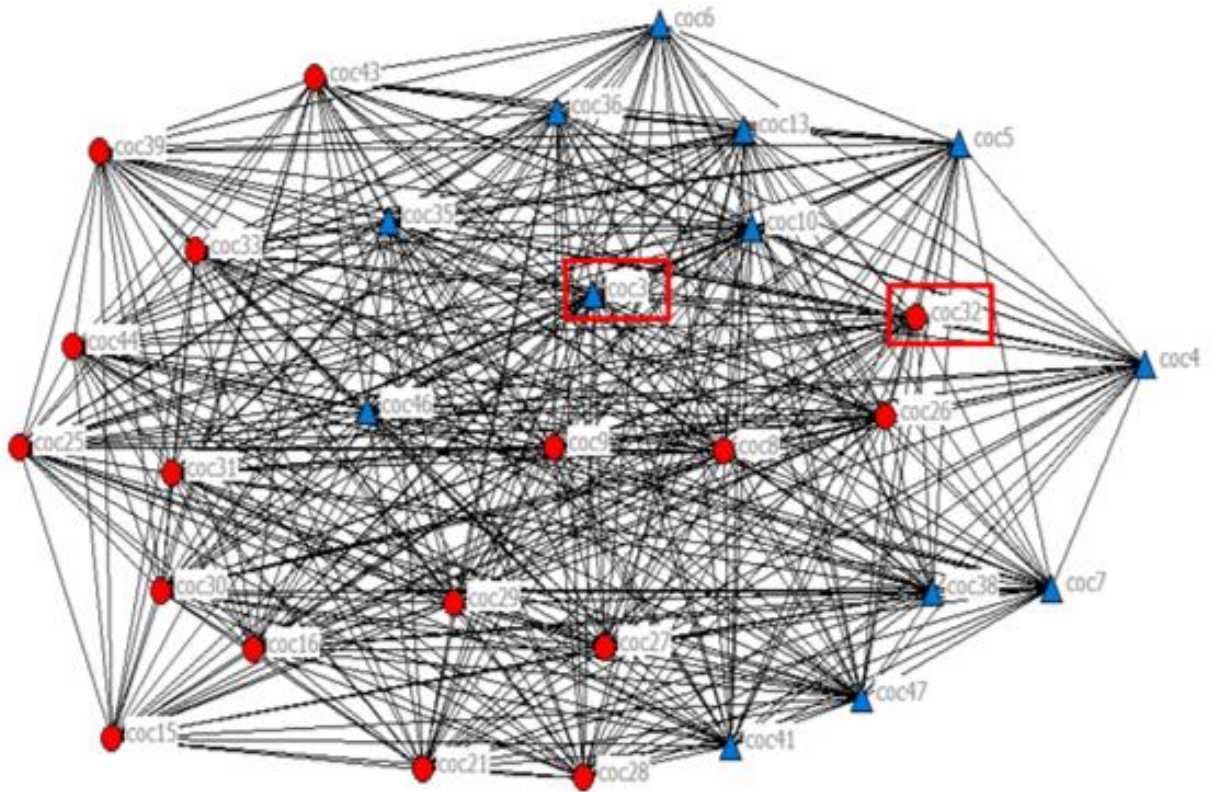
Este fator destaca, essencialmente, os recursos como fonte estratégica das empresas. As obras clássicas aparecem neste fator para, ainda, evidenciar a importância dos recursos (desde Wernelft, 1984). No entanto, observamos que as obras emergiram dos estudos dos recursos como vantagem competitiva ou estratégia competitiva (Penrose, 1959, Porter, 1980, Peteraf, 1989, Coff, 1999), que, advindos da visão baseada no produto, passaram a ver a heterogeneidade dos recursos e como eles podiam influenciar o desempenho das organizações e como os recursos podem influenciar os custos das transações (Williamson, 1975, Castanias & Helfat, 1991, Brandenburger & Stuart Jr., 1996). Mais ainda,

como os recursos podem ser efetivamente utilizados para melhorar o desempenho (Barney, 1991). Entretanto, observamos, neste fator, uma evolução das teorias baseadas em recursos, com a obra de Teece, Pisano e Shuen (1997). Esses autores tratam das capacidades dinâmica (*dynamic capability*), em que os recursos estratégicos podem ir além da perspectiva de serem somente recursos, e sim recursos essenciais, com uma roupagem nova e dinâmica, para a tradicional Visão Baseada em Recursos (VBR).

Estes resultados confirmam o que obras anteriores identificaram como tendência na disciplina Estratégia. Ferreira, Fernandes e Ratten (2016) declaram que o comportamento estratégico afeta a maioria das pesquisas realizadas em gestão estratégica. De igual forma, Serra, Ferreira, Almeida e Vanz (2012) identificaram que qualquer que seja a tomada de decisão estratégica, o comportamento organizacional é inerente à estratégia em todas as diferentes facetas.

### 3.3.2 Rede de cocitação do período entre 2013 e 2018

A rede de cocitação elaborada no *software* Ucinet é apresentada na Figura 3. As redes possibilitam verificar as ligações intelectuais entre os autores e a visibilidade do campo teórico e o diagrama de rede demonstra as formações de redes e representam a análise confirmatória do índice de coesão (Levine & Kurzban, 2006). Os pontos vermelhos, fator 1, relacionados às Aprendizagem, Conhecimento e Inovação estão, nitidamente, em maior escala. A centralidade neste fator é o artigo Coc32 (Nelson & Winter, 1982). O segundo fator, Teorias Baseadas em Recursos, representado pelos pontos na cor azul, possui a centralidade no artigo Coc3 (Barney, 1991). Os artigos são representados pela sigla Coc e são citados na Tabela 6

**Figura 3** – Rede de cocitação do período 2013-2018

**Legenda:** Fator e centralidade

Centralidade total			
Fator	Variável	Degree	nDegree
1 ● Aprendizagem, Conhecimento e Inovação.	coc32	426.000	0.334
2 ▲ Teorias Baseadas em Recursos	coc3	432.000	0.339

**Fonte:** Ucinet (2019) com base nos artigos de 2013-2018.

#### 4 Discussão

O objetivo de verificar a evolução da cocitação, identificar a estrutura intelectual na disciplina estratégia e a extensão da obra Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) foi atingido, observando-se dois períodos estratégicos. Os períodos selecionados foram de 2007 a 2012 e de 2013 a 2018, perfazendo 12 anos de análise em publicações em estratégia. Com base nos resultados obtidos, refletiremos sobre os fatores encontrados, consolidando as informações dos dois períodos e comparando com artigos bibliométricos anteriores.

As obras anteriores que estudaram o campo da estratégia apresentaram como este se comportava em movimentos teóricos. Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004), precursores nos estudos bibliométricos sobre estratégia, mostraram, em seus resultados, a predominância das Teorias Organizacionais, seguidos e confirmados pela obra de Nerur, Rasheed e Nataraja (2008). Ambos os estudos tinham como foco o mesmo período de análise, de 1980 até 2000, com análise de publicações no mesmo periódico, *Strategic Management Journal*. A diferença está na forma em que os artigos foram analisados, o primeiro articulado nas citações e cocitações e o segundo com mais profundidade nos artigos e seu conteúdo. A pesquisa de Serra, Ferreira, Almeida e Vanz (2012) ampliou a pesquisa realizada por Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) em mais sete anos, observando o que acontecia com a disciplina no começo do século. Neste estudo, observou-se a sobreposição da teoria organizacional pelas teorias baseadas em recursos, confirmadas também pelo estudo de Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra e Kniess (2016) e analisando a estratégia em mais periódicos que abarcavam o tema. No mesmo ano Ferreira, Fernandes e Ratten (2016) efetuaram uma pesquisa mais abrangente, com as palavras-chave “*strategic management*” or “*strategic decision*”\*, que representaram uma análise mais abrangente sobre o tema. O resultado confirmou o que os artigos anteriores já haviam descoberto sobre predominância dos artigos focados nas teorias baseadas em recursos. A Tabela 7 mostra, resumidamente, os estudos bibliométricos desses autores.

**Tabela 7** - Resumo das obras que estudaram artigos sobre a disciplina Estratégia

Obras/ Características	Ramos-Rodriguez & Ruiz-Navarro (2004)			Nerur, Rasheed & Nataraja, 2008			Serra, Ferreira, Almeida & Vanz 2012	Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016	Ferreira, Fernandes & Ratten, 2016
Periódico(s) Pesquisado (s)	SMJ			SMJ			SMJ	SMJ, SO, JEMS, LRP, SEJ	Web of Science*
Períodos analisados	1980-1986	1987-1993	1994-2000	1980-1986	1987-1993	1994-2000	2001-2007	2008-2013	1970-2014
Predominância teórica	Teorias da Organizações			Teorias da Organizações			Teorias Baseadas em Recursos	Teorias Baseadas em Recursos	Teorias Baseadas em Recursos

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2019). \*Pesquisa realizada na base de dados *Web of Science* com palavras-chave: “*strategic management*” or “*strategic decision*”.

Os autores abordados na Tabela 1 destacam estudos sobre estratégia, seja sobre a disciplina diretamente observada pelo periódico mais reconhecido na área *Strategic Management Journal (SMJ)* (Ramos-Rodriguez & Ruiz-Navarro, 2004) ou por outros que podem tratar o assunto *Strategic Organization (SO)*, *Journal of Economics & Management Strategy (JEMS)*, *Long Range Planning (LRP)*, *Strategic Entrepreneurship Journal (SEJ)* (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra, & Kniess, 2016), ou assuntos específicos como o empreendedorismo (Ferreira, Fernandes e Ratten (2016). Estes artigos reforçam a preocupação em continuar estudando a disciplina Estratégia, mostram sua



multidisciplinaridade, bem como dão margens para estudos futuros que reforcem os resultados encontrados e novas tendências na disciplina.

Frente a este cenário, sobre o campo teórico da disciplina Estratégia, baseado em estudos bibliométricos anteriores, fizemos uma análise com os nossos achados. Apresentamos como as teorias se comportaram nos dois períodos analisados (2007-2012 e 2013-2018), subsequentes aos estudos anteriores. A discussão baseou-se nos fatores encontrados nos dois períodos, movimentos de saída ou de emergência das teorias e dos autores destacados em cada fator.

### Teorias baseadas em Recursos

As obras citadas no primeiro período de nossa pesquisa, entre 2007 e 2012, reportaram os principais autores consagrados em teoria baseadas em recursos. Da mesma forma, ocorreu no segundo período analisado, entre 2008 e 2018, incluindo a obra de Brandenburger (1996), que aborda a cadeia vertical de abastecimento, dos fornecedores de recursos aos serviços prestados e o valor agregado criado, retomando conceitos centrais de Porter (1980). Castanias e Helfat (1991) e Coff (1997) aparecem observando recursos estratégicos vinculados à identificação de habilidades complementares essenciais, à tomada de decisão e à retenção de pessoas como capacidade de gerar renda. Inversamente, as obras de Amit e Schoemaker (1993), Helfat e Peteraf (2003) e Lippman e Rumelt (1982) não foram contempladas no segundo período de análise. Importa ainda destacar que antes a teoria baseada em recursos se posicionava, nos últimos estudos, como teoria predominante (Serra, Ferreira, Almeida & Vanz, 2015; Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016). Estas evidências mostram mudanças no campo intelectual dos estudos em estratégias, direcionando os estudos para teorias baseadas em comportamento estratégico.

### Alianças Estratégicas, Redes e Conhecimento

No período de 2007 até 2012, as obras relacionadas a Alianças Estratégicas apontaram pesquisas não citadas anteriormente como relevantes. Mowery e Oxley (1996) e Lane (1998) expressam isso. Em outra extremidade, vimos o crescimento das teorias comportamentais, abordando a aprendizagem, conhecimento e inovação, destacados nos últimos estudos, indicando uma mudança nas pesquisas sobre estratégia (desde Serra, Ferreira & Almeida, 2015). Verificamos que esta mudança de fato se fortaleceu e foi confirmada pela análise efetuada no período de 2013 a 2018. Novamente, Peteraf (1993), Potter (1980) e Coff (1997) voltam a aparecer, sendo este um leve sinal de que as teorias organizacionais ainda ocupam seu espaço, antes predominantes, como confirmaram as obras de Ramos-Rodrigues e Ruiz-Navarro (1984) e Narur, Rasheed e Nataraj (2008).

### Teorias Organizacionais e estratégias diversificadas

No período de 2007 a 2012, um fator ficou evidente na estrutura intelectual sobre a disciplina Estratégia, que são as teorias organizacionais. Elas evidenciam a preocupação dos estudiosos em

pesquisar as empresas ainda como organizações similares umas com as outras (DiMaggio & Powell, 1984). No entanto, a estrutura intelectual neste campo já examina outros fatores estratégicos dentro das organizações, são as estratégias comportamentais (Levinthal & March, 1993). A aprendizagem organizacional (Levitt & March (1998) também ganhou espaço nas publicações no primeiro período, mas com carga fatorial menor que os outros fatores.

### Aprendizagem, Conhecimento e Inovação

Este fator, que emergiu, no período de 2013 a 2018, trouxe à tona a nova conjuntura intelectual das pesquisas em estratégias. As abordagens sobre comportamento estratégico e conhecimentos sobrepuseram as obras baseadas em recursos. Embora tenham sido citadas obras clássicas da área da aprendizagem (Cohen & Levinthal, 1990; March, 1991; Levitt & March, 1988), novas obras estão surgindo, como, por exemplo, a obra que teve a maior carga fatorial, que foi a de Katila e Ahuja (2002). Algumas obras são citadas em ambos os períodos e reforçam tendência ocorrida no primeiro período (2007-2012) e a confirmação no segundo período (2013-2018). Além das já citadas, temos as obras de Nelson e Winter (1982), Cyert e March (1963), Grant (1996), Kogut e Zander (1992), Levinthal (1997) e Levinthal e March (1993), todas relacionadas a conhecimento e aprendizagem.

Nosso estudo pode corroborar com os estudos anteriores. Observamos que as teorias baseadas em recursos permaneceram fortes desde o começo do século, sobrepondo-se à teoria das organizações preconizadas pelos primeiros bibliométricos sobre a disciplina Estratégia por Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004). As obras de Amit e Schoemaker (1993), Helfat e Peteraf (2003), Barney (1986), Peteraf (1993) e Wernerfelt (1984) são ainda as obras mais citadas em teorias baseadas em recursos e apontadas, neste estudo, no período de 2007 até 2012. Já no período entre 2013 e 2018, além das obras de Peteraf (1993), Wernerfelt (1984), em teorias de recursos, volta a aparecer Porter (1980) entre as obras mais citadas, um sinal leve do retorno das teorias organizacionais.

É fundamental, para a perenidade dos negócios, que se compreenda como são formuladas e desenvolvidas as estratégias dentro de uma organização. A estratégia possibilita o desenvolvimento do processo de interação entre ambiente, pessoas e organização (Whittington, 2004). Portanto, o gerenciamento estratégico pode ser abordado por meio de diversas teorias e a multidisciplinariedade é encontrada nesta disciplina. Da teoria das organizações, protagonizada por Porter (1980), ou por teorias baseadas em recursos (Wernerfelt, 1994; Barney, 1991; Peteraf, 1993) e teorias comportamentais (March & Simon, 1958; Teece, 1988; Eisenhardt & Martin, 2000), o conceito de estratégia tem evoluído constantemente no decorrer dos anos.

## 6 Considerações finais

O presente estudo contemplou a análise dos artigos publicados no *Strategic Management Journal*, periódico acadêmico de evidência em estratégia, no período de 2007 até 2018. O objetivo foi identificar, em dois períodos de análise, 2007 a 2012 e 2013 a 2018, as teorias em evidência. Dessa

forma, construímos uma visão sobre a disciplina Estratégia e as teorias abordadas e, conseqüentemente, as perspectivas teóricas para as futuras pesquisas.

Os resultados mostraram que, para cada período analisado, ocorreram perspectivas diferentes quanto às teorias utilizadas nas pesquisas. Inicialmente, podemos ressaltar que a teoria baseada em recursos (Wernelfelt, 1984, Peteraf, 1993, Barney, 1991) continua em evidência, mas com menor expressão no segundo período de análise. Por outro lado, teorias emergiram na segunda análise, que representam em si o estado da arte em termos de estratégia. Teorias que predominaram e estão em evidência neste novo momento são: aprendizagem e conhecimento organizacional (March, 1958, Cyert & March, 1963) Levitt, 1988) e inovação. Também observamos que os estudos aumentaram no segundo período de análise, após 2013, e com menos citações e mais diversificação de teorias.

As organizações devem atentar-se aos diversos fatores ambientais, tais como dinâmica do mercado, evoluções tecnológicas, comportamento do consumidor, alterações legislativas e políticas públicas, para mudar e adaptar suas estratégias (March, 1991, Katila & Ahuja, 2002). As mudanças e adaptações podem ser adotadas por meio de posturas reativas ou proativas. Entretanto, a organização deve focar na criação de um modelo de competição que lhes permita superar seus concorrentes. As pesquisas acompanham este processo de evolução e caminham conforme o momento das organizações organização (March & Simon, 1958; Nelson & Winter, 1982).

Enfim, notamos que os estudos em estratégias têm novas perspectivas. Novas teorias poderão emergir em estudos futuros que venham encontrar respostas para os novos momentos que a sociedade global está vivendo, por exemplo, no desempenho sustentável frente às novas necessidades de recursos naturais.

### 6.1 Limitações e pesquisas futuras

A primeira grande limitação deste estudo foi a utilização de somente um periódico acadêmico, o *Strategic Management Journal*. Outros periódicos podem contemplar a disciplina estratégia e outras teorias que não foram visualizadas nesse periódico. No entanto, reforçamos que o periódico escolhido representa muito bem a categoria, pois é reconhecido como um dos melhores em publicações em estratégia e representa bem as pesquisas na área (Fernandes Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016). Outra limitação está na opção de seleção das obras mais citadas, o que pode evidenciar um parâmetro para desclassificar obras que mencionam outras teorias.

As propostas para pesquisas futuras consideram as próprias limitações deste estudo. Propomos estudos mais amplos, com outros periódicos acadêmicos, que permitirão visualizar novas teorias, e evidenciar se existem ou não novas teorias emergentes. Por outro lado, a opção de fragmentar os períodos para análises contemplou novas mudanças. Assim, propomos averiguar se o fenômeno continuaria o mesmo se a análise fosse realizada no período completo.

### Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).*

## Referências

- Ahuja, G. (2000). Collaboration networks, structural holes, and innovation: A longitudinal study. *Administrative Science Quarterly*, 45(3), 425-455.
- Amit, R., & Schoemaker, P. J. (1993). Strategic assets and organizational rent. *Strategic Management Journal*, 14(1), 33-46.
- Azar, O. H., & Brock, D. M. (2008). A Citation-Based Ranking of Strategic Management Journals. *Journal of Economics & Management Strategy*, 17(3), 781-802.
- Barney, J. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage. *Journal of Management*, 17(1), 99-120.
- Barney, J. B. (1986). Strategic factor markets: Expectations, luck, and business strategy. *Management Science*, 32(10), 1231-1241.
- Baum, J. A., Calabrese, T., & Silverman, B. S. (2000). Don't go it alone: Alliance network composition and startups' performance in Canadian biotechnology. *Strategic Management Journal*, 21(3), 267-294.
- Borgman, C. L., & Furner, J. (2002). Scholarly communication and bibliometrics. *Annual Review of Information Science and Technology*, 36(1), 2-72.
- Brandenburger, A. M., & Stuart Jr, H. W. (1996). Value-based business strategy. *Journal of Economics & Management Strategy*, 5(1), 5-24.
- Castanias, R. P., & Helfat, C. E. (1991). Managerial resources and rents. *Journal of Management*, 17(1), 155-171.
- Cattell, T. (1996). Using concurrency and formal methods for the design of safe process control. In *Software Engineering for Parallel and Distributed Systems* (pp. 183-194). Springer, Boston, MA.
- Chen, M. J. (1996). Competitor analysis and interfirm rivalry: Toward a theoretical integration. *Academy of Management Review*, 21(1), 100-134.
- Coff, R. W. (1997). Human assets and management dilemmas: Coping with hazards on the road to resource-based theory. *Academy of Management Review*, 22(2), 374-402.
- Coff, R. W. (1999). When competitive advantage doesn't lead to performance: The resource-based view and stakeholder bargaining power. *Organization Science*, 10(2), 119-133.
- Cohen, W. M., & Levinthal, D. A. (1990). Absorptive capacity: A new perspective on learning and innovation. *Administrative Science Quarterly*, 35(1), 128-152.
- Cyert, R. M., & March, J. G. (1963). A behavioral theory of the firm. *Englewood Cliffs, NJ*, 2(4), 169-187.

- De Oliveira Maciel, C., Reinert, M., & Camargo, C. (2008). Configurações estratégicas e desempenho organizacional: em busca de novos imperativos. *REBRAE*, 1(2), 199-212.
- Dierickx, I., & Cool, K. (1989). Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. *Management Science*, 35(12), 1504-1511.
- DiMaggio, P. J., & Powell, W. W. (1983). The iron cage revisited: Institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review*, 147-160
- Diodato, V. P. (1994) *Dictionary of Bibliometrics* (1st ed.) New York: Haworth Press.
- Dyer, J. H., & Singh, H. (1998). The relational view: Cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. *Academy of Management Review*, 23(4), 660-679.
- Eisenhardt, K. M., & Martin, J. A. (2000). Dynamic capabilities: what are they?. *Strategic Management Journal*, 21(10-11), 1105-1121.
- Fernandes Pinto, R., Guerrazzi, L. A. C., Serra, B.C, & Kniess, C. T. (2016). A pesquisa em administração estratégica: um estudo bibliométrico em periódicos internacionais de estratégia no período de 2008 a 2013. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 15(2).
- Ferreira, J. J. M., Fernandes, C. I., & Ratten, V. (2016). A co-citation bibliometric analysis of strategic management research. *Scientometrics*, 109(1), 1-32.
- Ferreira, M. P., Serra, F. R., & Costa, B. K. (2011). The RBV in international business studies: a bibliometric study of Barney's (1991) contribution to the field. *Multinational Business Review*, 19(4), 357-375.
- Fleming, L. (2001). Recombinant uncertainty in technological search. *Management Science*, 47(1), 117-132.
- Garfield, E. (2006) "The history and meaning of the journal impact factor", *Journal of the American Medical Association*, 295(1), pp. 90-93.
- Garfield, J. (2002). The challenge of developing statistical reasoning. *Journal of Statistics Education*, 10(3).
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510.
- Grant, R. M. (1996). Toward a knowledge-based theory of the firm. *Strategic Management Journal*, 17(S2), 109-122.
- Gulati, R. (1995). Does familiarity breed trust? The implications of repeated ties for contractual choice in alliances. *Academy of Management Journal*, 38(1), 85-112.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Hannan, M. T., & Freeman, J. (1984). Structural inertia and organizational change. *American Sociological Review*, 149-164.
- Helfat, C. E., & Peteraf, M. A. (2003). The dynamic resource-based view: Capability lifecycles. *Strategic Management Journal*, 24(10), 997-1010.



- Henderson, R. M., & Clark, K. B. (1990). Architectural innovation: The reconfiguration of existing product technologies and the failure of established firms. *Administrative Science Quarterly*, 9-30.
- Henderson, R., & Cockburn, I. (1994). Measuring Competence? Exploring Firm Effects in Pharmaceutical Research. *Strategic Management Journal*, 15(S1), 63–84.
- Kaiser, H. F. (1960). The application of electronic computers to factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 20, 141-151.
- Katila, R., & Ahuja, G. (2002). Something old, something new: A longitudinal study of search behavior and new product introduction. *Academy of Management Journal*, 45(6), 1183-1194.
- Kogut, B., & Zander, U. (1992). Knowledge of the firm, combinative capabilities, and the replication of technology. *Organization Science*, 3(3), 383-397.
- Lane, P. J., & Lubatkin, M. (1998). Relative absorptive capacity and interorganizational learning. *Strategic Management Journal*, 19(5), 461-477.
- Levine, S. S., & Kurzban, R. (2006). Explaining clustering in social networks: Towards an evolutionary theory of cascading benefits. *Managerial and Decision Economics*, 27(2-3), 173-187.
- Levinthal, D. A. (1997). Adaptation on Rugged Landscapes. *Management Science*, 43(7), 934–950.
- Levinthal, D. A., & March, J. G. (1993). The myopia of learning. *Strategic Management Journal*, 14(S2), 95-112.
- Levitt, B., & March, J. G. (1988). Organizational learning. *Annual Review of Sociology*, 14(1), 319-338.
- Lieberman, M. B., & Montgomery, D. B. (1988). First-mover advantages. *Strategic Management Journal*, 9(S1), 41-58.
- Lippman, S. A., & Rumelt, R. P. (1982). Uncertain imitability: An analysis of interfirm differences in efficiency under competition. *The Bell Journal of Economics*, 418-438.
- Lotka, A. J. (1926). The frequency distribution of scientific productivity. *Journal of the Washington Academy of Sciences*, 16(12), 317-323.
- March, J. G. (1991). Exploration and exploitation in organizational learning. *Organization Science*, 2(1), 71-87.
- March, J. G., & Simon, H. A. (1958). Organizations.
- Martins, R., Serra, F., Leite, A., Ferreira, M. P., & Li, D. (2010). *Transactions cost theory influence in strategy research: A review through a bibliometric study in leading journals* (Working Paper n° 61). globADVANTAGE: Center of Research in International Business & Strategy
- McCain, K. (1990). Mapping authors in intellectual space: A technical overview. *Journal of the American Society for Information Science*, 41, 433–443.
- Mowery, D. C., Oxley, J. E., & Silverman, B. S. (1996). Strategic alliances and interfirm knowledge transfer. *Strategic Management Journal*, 17(S2), 77-91.

- Nath, R., & Jackson, W. M. (1991). Productivity of management information systems researchers: Does Lotka's law apply? *Information Processing & Management*, 27(2-3), 203-209.
- Nelson, C. R., & Winter, S. (1982). Organizational capabilities and behavior: An evolutionary theory of economic change. Belknap Press of Harvard University Press: Cambridge MA.
- Nerur, S., Rasheed, A. & Natarajan, V. (2008). The intellectual structure of the strategic management field: an author co-citation analysis. *Strategic Management Journal*, 29, 319-336.
- Ocasio, W. (1997). Towards an attention-based view of the firm. *Strategic Management Journal*, 18(S1), 187-206.
- Penrose, E. T. (1959). *The Theory of the Growth of the Firm*. NY: Oxford University Press.
- Peteraf, M. A. (1993). The cornerstones of competitive advantage: a resource-based view. *Strategic Management Journal*, 14(3), 179-191
- Porter, M. E. (1980). *Competitive strategy: Techniques for analyzing industries and competitors*. New York: Free Press.
- Powell, W. W., Koput, K. W., & Smith-Doerr, L. (1996). Interorganizational collaboration and the locus of innovation: Networks of learning in biotechnology. *Administrative Science Quarterly*, 116-145.
- Quevedo-Silva, F., Santos, E. B. A., Brandão, M. M., & Vils, L. (2016). Estudo bibliométrico: orientações sobre sua aplicação. *Revista Brasileira de Marketing*, 15(2), 246-262.
- Ramos-Rodríguez, A. R., & Ruíz-Navarro, J. (2004). Changes in the intellectual structure of strategic management research: A bibliometric study of the Strategic Management Journal, 1980–2000. *Strategic Management Journal*, 25(10), 981-1004.
- Rosenkopf, L., & Paul A. (2003). Overcoming local search through alliances and mobility. *Management Science*, 49(6), 751-766.
- Serra, F. A. R., Ferreira, M. P., de Camargo Guerrazzi, L. A., & Scaciotta, V. V. (2018). Doing Bibliometric Reviews for the Iberoamerican Journal of Strategic Management. *Iberoamerican Journal of Strategic Management*, 17(3), 01-16.
- Serra, F. R., Ferreira, M. P., de Almeida, M. I. R., & Vanz, S. A. S (2012). A pesquisa em administração estratégica nos primeiros anos do século XXI: um estudo bibliométrico de citação e co-citação no Strategic Management Journal entre 2001 e 2007. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 5(2), 257-274.
- Stinchcombe, A. L. (1965). *Organizations and social structure*. Handbook of organizations, 44(2), 142-193.
- Teece, D. J., Pisano, G., & Shuen, A. (1997). Dynamic capabilities and strategic management. *Strategic Management Journal*, 18(7), 509-533.
- Thompson, J. D. (1967). *Organizations in action*. New York: McGraw-Hill. *Thompson Organizations in Action 1967*.
- Tripsas, M., & Gavetti, G. (2000). Capabilities, cognition, and inertia: Evidence from digital imaging. *Strategic Management Journal*, 21(10-11), 1147-1161.

- Tushman, M. L., & Anderson, P. (1986). Technological discontinuities and organizational environments. *Administrative Science Quarterly*, 439-465
- Van Raan, A. F. (2012). Properties of journal impact in relation to bibliometric research group performance indicators. *Scientometrics*, 92(2), 457-469.
- Vogel, R., & Güttel, W. H. (2013). The dynamic capability view in strategic management: a bibliometric review. *International Journal of Management Reviews*, 15(4), 426-446.
- Wernerfelt, B. (1984). A resource-based view of the firm. *Strategic Management Journal*, 5(2), 171-180.
- Williamson, O. E. (1975). *Markets and hierarchies*. New York, 2630.
- Williamson, O. E. (1979). Transaction-cost economics: the governance of contractual relations. *The Journal of Law and Economics*, 22(2), 233-261
- Zupic, I. & Čater, T. (2015). Bibliometric methods in management and organization. *Organizational Research Methods*, 18, 429-472.